

Ano 20 • Número 37 • 18 de setembro de 2017

**Economia gaúcha cresce pelo segundo trimestre acima da média nacional**

**Dados do PIB mostram a lenta recuperação da indústria do RS**

**Custo Unitário do Trabalho cresce pelo quarto trimestre seguido no RS**

**IBC-Br sinaliza início positivo da economia no segundo semestre**

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

[www.fiergs.org.br/economia](http://www.fiergs.org.br/economia)

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

## Economia gaúcha cresce pelo segundo trimestre acima da média nacional

O PIB do Rio Grande do Sul cresceu 0,7% no segundo trimestre de 2017 em comparação com o período imediatamente anterior, na série livre de efeitos sazonais. Dessa forma, a exemplo do PIB brasileiro, o RS completou dois trimestres consecutivos de crescimento nesta base de comparação, algo que não acontecia desde 2014. Além disso, o resultado foi superior ao registrado no Brasil (0,2%). Na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior, a variação foi ainda maior (2,5%). O número também foi consideravelmente acima do observado a nível nacional (0,3%).

Entre os setores de atividade, a Agropecuária registrou crescimento de 7,9% na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior. A produção de soja exerceu grande influência, com crescimento de 15,7% nesta base de comparação. A produção de arroz e de milho também cresceram, 16,5% e 28,2%, respectivamente. No entanto, ressalta-se que esses números são excessivamente elevados em função do grande volume de chuvas no ano passado, que prejudicou a produção em 2016 e tornou a base de comparação deprimida.

Por sua vez, o setor de Serviços registrou crescimento de 0,5% na comparação com o mesmo trimestre de 2016, superior ao dado nacional (-0,3%). O Comércio exerceu a principal influência, com variação positiva de 2,9%, encerrando uma série de dez

resultados negativos consecutivos nesta base. Os destaques foram: veículos, motocicletas, partes e peças (15,1%); tecidos, vestuários e calçados (19,4%); e combustíveis e lubrificantes (9,3%).

Na taxa acumulada em 4 trimestres, o Rio Grande do Sul apresentou variação de 0,2%, interrompendo uma série de dez resultados negativos consecutivos. Dessa forma, a expectativa é que o RS termine 2017 registrando crescimento após três anos de quedas.

### PIB do Rio Grande do Sul

(Variação %)

	2ºT2017/ 1ºT2017*	2ºT2017/ 2ºT2016	Acum. 4 trim.
<b>Agropecuária</b>	<b>-0,5</b>	<b>7,9</b>	<b>8,8</b>
<b>Indústria</b>	<b>0,0</b>	<b>-0,3</b>	<b>-1,8</b>
Extrativa mineral	-1,9	-7,9	-7,4
Transformação	1,1	2,8	-0,3
Elet. e gás, água, esgoto e limp.	0,8	-9,5	-8,8
Construção Civil	-0,9	-6,8	-4,8
<b>Serviços</b>	<b>0,1</b>	<b>0,5</b>	<b>-0,6</b>
Comércio	1,0	2,9	-1,1
Transporte e armazenagem	-3,1	-4,6	-0,8
Serviços de informação	-0,8	0,6	-1,4
Intermediação fin. e seguros	0,3	-0,2	-2,1
Atividades imobiliárias	0,4	1,4	1,1
Outros Serviços	0,0	0,1	-0,2
Adm. estatal, educ. e saúde púb.	-0,3	0,0	-1,1
<b>PIB</b>	<b>0,7</b>	<b>2,5</b>	<b>0,2</b>

Fonte: FEE \* Com ajuste sazonal.

### Dados do PIB mostram a lenta recuperação da indústria do RS

No segundo trimestre de 2017, a Indústria Geral do Rio Grande do Sul ficou estagnada em relação aos três primeiros meses do ano. Na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior, o setor apresentou redução de 0,3%. Nesta base de comparação, dos quatro segmentos da indústria, três apresentaram quedas ainda maiores do que as registrados no primeiro trimestre (Extrativa, Construção civil e Eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana).

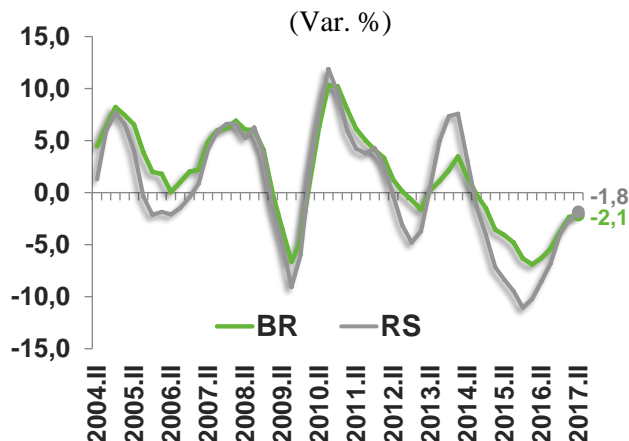
A Indústria de Transformação foi o destaque positivo, com avanço de 2,8% na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior, completando três altas consecutivas nesta base. As atividades que mais contribuíram com o resultado foram o processamento industrial do tabaco (+40,2%) e os produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos (+11%). Por outro lado, o grande destaque negativo ficou por conta da Indústria Extrativa, que acumula 7,7% de contração em 2017 na comparação com 2016.

Na análise da variação do acumulado em quatro trimestres, todos os grandes ramos da indústria ainda se situam no campo negativo. Entretanto, como mostra o gráfico, o ciclo recessivo começa a ficar para trás. Caso a indústria se mantenha no mesmo patamar do final do segundo trimestre até o final do ano, o resultado de

2017 será de crescimento de 0,3%. Esse desempenho decorre da base de comparação estatística bastante deprimida.

Na comparação com a economia brasileira, pode-se notar a maior volatilidade da indústria gaúcha, que decorre, principalmente, da maior participação da produção de bens de capital e veículos automotores, segmentos bastante cíclicos. A recuperação dessas duas atividades será fundamental para que um novo ciclo de crescimento na indústria do RS ganhe força.

### Taxa acumulada da Indústria em quatro trimestres



Fonte: IBGE. FEE/RS.

## Custo Unitário do Trabalho cresce pelo quarto trimestre seguido no RS

O Custo Unitário do Trabalho (ULC) medido em Dólares para a Indústria de Transformação do Rio Grande do Sul registrou aumento de 17,0% no segundo trimestre de 2017 em relação ao mesmo período do ano passado. Foi o quarto trimestre consecutivo de alta do indicador, revelando perda de competitividade para o setor secundário gaúcho frente a seus concorrentes nacionais e internacionais. Os cálculos do indicador, tanto para o RS quanto para o Brasil, são realizados pela UEE/FIERGS e divulgados trimestralmente.

O ULC é obtido pela razão entre o salário médio por hora e a produtividade por hora trabalhada na produção. Dessa forma, o resultado do segundo trimestre foi fruto de um maior crescimento dos salários médios por hora (+22,0%), medidos em Dólares, frente a uma pequena evolução da produtividade (+4,3%).

Quanto aos salários médios, o resultado decorreu de uma combinação de três fatores: (i) crescimento de 8,9% da massa salarial nominal; (ii) queda de 2,4% das horas trabalhadas na produção; e (iii) queda de 8,4% da taxa de câmbio, o que deixa os salários maiores quando convertidos em moeda estrangeira. Já no caso da produtividade, que mede a quantidade de produto por hora trabalhada, o pequeno aumento se deu por um avanço marginal da produção física de 1,7% e uma queda de 2,4% nas horas trabalhadas.

Além do avanço quando medido em Dólares, o aumento do ULC também foi verificado em moeda nacional. O indicador cresceu 3,0% no segundo

trimestre de 2017 frente ao respectivo período de 2016, como consequência de uma elevação de 7,4% nos salários, nesse cálculo já descontados os efeitos da inflação, e uma alta de 4,3% na produtividade.

Nos últimos 4 trimestres, o ULC em Dólares acumulou um crescimento de 21,6% (Salários: +25,8%; Produtividade: +3,4%), enquanto o indicador em Reais deflacionados uma leve queda de 0,9% (Salários: +2,5; Produtividade: +3,4%), praticamente uma estabilidade.

Em uma economia saudável, a tendência é de que o indicador permaneça constante ao longo do tempo, de modo que os avanços salariais tenham como base os ganhos de produtividade. No entanto, olhando para um horizonte mais longo, desde 2006, tanto o ULC medido em Dólares (+60,3%) quanto o medido em Reais (+25,5%) apresentam expressivo aumento na indústria do RS, mostrando que há um descolamento entre os reajustes salariais e a produtividade.

Portanto, o alto custo da mão de obra, aliado à sua baixa produtividade, são fatores que prejudicam o crescimento da nossa indústria. Além disso, conforme demonstrado no Informe Econômico de 31/07/2017, em períodos de inflação baixa como o atual, a tendência é de que as negociações coletivas concedam ganhos reais aos salários. Dessa forma, o cenário para os próximos meses, com aumentos reais nos salários e uma produção que se recupera de forma muito lenta e gradual, o já elevado custo do trabalho continuará sua trajetória de alta.

## IBC-Br sinaliza início positivo da economia no segundo semestre

Os primeiros dados da economia brasileira para o segundo semestre de 2017 começam a surgir e um indicador que serve como termômetro da atividade econômica sinalizou um primeiro passo positivo, mesmo que os números não sejam expressivos.

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) apresentou crescimento de 0,41% na passagem de junho para julho, considerando a série livre de efeitos sazonais. Foi a maior alta para o mês desde 2014, quando o indicador apresentou variação de 0,56%, e a segunda expansão seguida, após crescer 0,55% em junho frente a maio.

A alta do indicador não ocorreu somente em termos marginais, mas também na comparação interanual: relativamente a julho de 2016, o crescimento foi de 1,41%, o maior nessa forma de comparação para o mês de julho desde 2013 (+3,17%). Já nos primeiros sete meses do ano, o resultado também fica no campo positivo com avanço de 0,31% contra igual período de 2016, após fortes quedas em 2015 (-2,94%) e 2016 (-5,66%), nessa base de comparação.

No acumulado em 12 meses, o IBC-Br apresenta queda de 1,44%. Contudo, mesmo com a variação do indicador ainda no campo negativo, o valor de junho foi o menos negativo desde janeiro de 2015 (-0,66%). O

fundo do poço foi atingido em julho de 2016, quando a variação acumulada em 12 meses chegou a -5,67%. Desde lá, já são 13 meses consecutivos de diminuição na intensidade da retração.

Embora seja conhecido como “PIB do Banco Central”, o IBC-Br tem metodologia de cálculo distinta do PIB apurado pelo IBGE. O indicador do BC leva em conta variáveis conjunturais que são consideradas boas referências para o desempenho da atividade econômica do país, enquanto que o PIB é a soma de todos os bens e serviços produzidos.

A despeito da diferença de metodologias, o indicador do Banco Central segue de perto o comportamento observado no PIB. Portanto, os resultados do IBC-Br de julho são uma sinalização de que o PIB do segundo semestre começa com o pé direito, após um primeiro semestre de estabilidade frente ao mesmo período de 2016 (0,0%).

No entanto, considerando que no biênio 2015-2016 a queda acumulada no PIB foi de 7,2%, a economia brasileira ainda está longe de retomar os patamares pré-crise. Nossa projeção para a variação do PIB no fechamento do ano continua em 0,5%, enquanto o último Relatório FOCUS do Banco Central aponta para um crescimento de 0,6%.